

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

ADRIANNE CARDOSO LIMA

PROCESSO COLABORATIVO: ALÉM DAS APARÊNCIAS

GURUPI-TO

2017

ADRIANNE CARDOSO LIMA

PROCESSO COLABORATIVO: ALÉM DAS APARÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães.

Coorientador: Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira.

LIMA, Adrianne Cardoso

Título: **PROCESSO COLABORATIVO: ALÉM DAS APARÊNCIAS**

Adrianne Cardoso Lima. – Gurupi-TO, 2017.

55 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2017.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

Coorientador: Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira.

1. Teatro. 2. Processo Colaborativo. 3. Relato de Experiência. 4. Processo de Montagem

ADRIANNE CARDOSO LIMA

PROCESSO COLABORATIVO: ALÉM DAS APARÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Artes Cênicas do Instituto Federal do
Tocantins – campus Gurupi, como exigência à
obtenção do grau de Licenciado em Artes
Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

*Esse trabalho é dedicado a minha família,
Maria Eunice Alves Cardoso, Evania Alves
Cardoso, Victoria Cardoso de Sousa, Carolina
Cardoso de Souza, João Lucas Nascimento
Brito, Maria Valentina Cardoso Brito. E em
memória ao meu pai Edno Cardoso Lima.*

AGRADECIMENTOS

Á Deus por estar sempre ao meu lado me ajudando.

Quero ressaltar um agradecimento mais que especial para as grandes mulheres da minha vida, minhas mães, Maria Eunice Alves Cardoso e Evania Alves Cardoso, que estiveram desde o início ao meu lado, sempre cuidaram, zelaram pelo meu bem estar e nunca desistiram do meu sonho.

Aos meus tios, Evencio Cardoso Neto, Evandson Alves Cardoso, Expedito Alves Cardoso e Evaldson Alves Cardoso por todos os puxões de orelha do amor, gratidão por ter vocês na minha vida que são como se fossem meus pais.

Ao meu marido João Lucas Nascimento Brito, por todo amor, incentivo, carinho e paciência, que foi atribuindo a mim durante esse período, e também pelo presente mais valioso do mundo para mim, nossa filha.

Agradeço-te Minha Filha, Maria Valentina Cardoso Brito, pois você me fez conhecer o mais precioso dos saberes que é o amor verdadeiro e imensurável de ser mãe de ser a sua mãe. Obrigada meu denguinho por cada sorrisinho seu, que faz o meu dia brilhar e meu coração se acalmar.

Ás minhas amadas irmãs, Victoria Cardoso de Sousa e Carolina Cardoso de Souza, por todo amor que sempre tiveram comigo.

As minhas comadres e amigas, Bianca Oliveira dos Santos e Carla Priscila Ferreira dos Santos Lima e aos compadres e amigos, Felipe Monteiro Lopes e Nattan Roberto da Silva Galvão, por tudo que vivemos juntos e que ainda vamos viver, vocês são mais que amigos.

Á minha querida orientadora, Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães, que me incentivou a não desistir, a toda dedicação e atenção que teve comigo desde o primeiro instante, agradeço a forma com qual fui tratada ao dedicar seu tempo a mim e sempre por me dizer “mantenha a calma”. Obrigada por tudo, agradeço principalmente a Deus por ter colocado você no meu caminho, pois todo esse carinho resultou na finalização deste trabalho.

Ao meu coorientador Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira por me apresentar o processo colaborativo, pois acredito que esse método de criação colaborativa me instigou a seguir uma linha de pensamento diferente da qual eu estava acomodada. Obrigada por me auxiliar a concluir todas essas etapas que passei.

Aos meus professores e meus colegas de turma, pelos momentos de felicidade e os momentos de dificuldades, o meu muito obrigado a cada um de vocês.

*“Deixa-te disso criança
Deixa de orgulho, sossega.
Olha que a vida é um oceano
Por onde o acaso navega.*

*Hoje te ostenta nas salas
Com tuas pompas e galas
Teus nobres brasões de rainha
Amanhã talvez quem sabe
Todo esse orgulho se acabe
E seja a sorte mesquinha.*

*Deixa-te disso olha bem
Olha, que a sorte nega e tira.
Sangue azul em vós fidalgos
Neste século é mentira.*

*Todos nós somos iguais
Os grandes, os imortais
Já foram plebeus com eu sou
Ouve mais esta lição!
Grande foi Victor Hugo
E grande foi Napoleão.*

*Que valem nobres famílias
Linhagens puras de avós
Se o sangue dos reis é o mesmo*

O mesmo que corre em nós!...”

Castro Alves

RESUMO

Esta pesquisa é resultado da disciplina de Montagem Cênica, componente curricular do Curso de Graduação em Artes Cênicas do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi. A mesma utilizou como metodologia o processo colaborativo, no qual a pesquisadora irá descrever sobre o método e todo o processo teatral, desde a concepção até o resultado final da montagem. Esta disciplina foi ministrada pelo Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira do IFTO, e suas contribuições fomentaram o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). As questões descritas no trabalho foram o Teatro, a criação coletiva, o processo colaborativo, a trajetória de vida da acadêmica e o relato de experiência sobre o espetáculo; “Além das Aparências”. A intenção desse trabalho foi relatar o que é o processo colaborativo, como foi a montagem de um espetáculo utilizando o método de coletividade teatral, abordando as temáticas que foram utilizadas para a finalização do espetáculo, trazendo algumas das percepções da acadêmica em relação ao trabalho executado. O mesmo propõe apresentar ao leitor esse espetáculo desenvolvido por uma turma do curso de licenciatura em Artes Cênicas do IFTO.

Palavras-chave: Teatro. Criação Coletiva. Processo Colaborativo. Relato de Experiência.

RESUMEN

Esta investigación es resultado de una disciplina curricular del Curso de Graduación en Artes Escénicas del Instituto Federal de Educación, Ciencias y Tecnología de Tocantins - Campus Gurupi. La misma utilizó como metodología el proceso colaborativo, en el cual la investigadora describirá sobre el método y todo el proceso teatral, desde la concepción hasta el resultado final del montaje. Esta disciplina fue impartida por el Profesor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira del IFTO, y sus contribuciones fomentaron el Trabajo de Conclusión de Curso (TCC). Las cuestiones descritas en el trabajo fueron el Teatro, la creación colectiva, el proceso colaborativo, la trayectoria de vida de la académica y el relato de experiencia sobre el espectáculo; "Además de las apariencias". La intención de este trabajo es relatar lo que es el proceso colaborativo, como fue al montaje de un espectáculo utilizando el método de colectividad teatral, abordando las temáticas que fueron utilizadas para la finalización del espectáculo, trayendo algunas de las percepciones de la académica en relación al trabajo ejecutado. El mismo presentará al lector ese espectáculo desarrollado por una clase del curso de licenciatura en Artes escénicas del IFTO.

Palabras clave: Teatro. Creación colectiva. Proceso colaborativo. Relato de Experiencia.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Momento em que se trabalhou a improvisação.....	19
Figura 2- Jogos de Improvisação.....	19
Figura 3-Improvisações que originaram cenas.....	20
Figura 4- Jogos teatrais aplicados a cena.	22
Figura 5 - Aquecimento e Alongamento	23
Figura 6 - Trabalho corporal e Vocal.....	24
Figura 7- Experimentação de uma improvisação	27
Figura 8 - Primeiro Folder	28
Figura 9- Momento de experimentação	30
Figura 10 - Figurino Inicial e Final de Maria Julia.	33
Figura 11 - Personagem de August - Figurino Inicial e Final.....	33
Figura 12- Personagem Gabriela - Antes e Depois.....	34
Figura 13 - Personagem de Coli - Antes e Depois.....	34
Figura 14- Personagem Priscila - Antes e depois.....	35
Figura 15- Quarto de Collin	36

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	TRAJETÓRIA DE VIDA.....	13
3.	PROCESSO COLABORATIVO	14
4.	RELATO SOBRE O PROCESSO DE MONTAGEM: “ALÉM DAS APARÊNCIAS” .	18
4.1	Figurinos	31
4.2	Cenário	35
4.3	Ensaaios	37
4.4	Apresentações do espetáculo.....	39
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6.	REFÊRENCIAS	44
7.	ANEXOS	46

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita será focada em um relato de experiência, no qual o envolvimento foi baseado em um processo de montagem, através da disciplina de Montagem Cênica, componente curricular da grade do Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, doravante citado como IFTO. Esse assunto me chamou a atenção por utilizar o método de processo colaborativo na criação teatral.

Logo adiante, faço a explanação desse relato, no qual também será abordado minha trajetória de vida acadêmica, pensando no âmbito teatral, pois como esse trabalho é um relato de experiência, acredita-se que o leitor precisará compreender minha origem, e qual a importância do teatro em minha vida.

Dando seguimento será apresentado sobre o momento inicial da pesquisa que começa com um breve contexto sobre o processo colaborativo, para compreender esse processo de montagem cênica, no qual acredito ser importante destacar a história do processo, de onde se iniciou no teatro, e qual foi sua trajetória até chegar aos dias de hoje.

Mais adiante relata-se sobre meu envolvimento ao deparar com a disciplina de “Montagem Cênica”, foi possível conhecer um método teatral diferente do que já havia presenciado até o momento, o interesse surgiu em descrever essa metodologia para que além de conhecer esse espetáculo, pudesse utilizar para a composição de peças teatrais. Na minha opinião, o processo colaborativo é uma metodologia de fácil acesso, e sob meu olhar, considerado de fácil aplicação. Acredito que os indivíduos envolvidos nesse trabalho certamente utilizarão desses elementos em algum momento de suas vidas.

Esse Capítulo fala sobre a apresentação final do espetáculo, como foi cada cena, e como se realizou o fim desse processo, revelando alguns detalhes do espetáculo e dos personagens. Também focando o resultado para melhor compreensão do leitor.

Com essa trajetória chegada ao fim, finalizo a conclusão desse espetáculo teatral com satisfação e orgulho, por abordar questões polêmicas e conseguir passar as questões abordadas para o público de forma prazerosa.

2. TRAJETÓRIA DE VIDA

Diferente da maioria dos colegas do Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do IFTO – Campus Gurupi, minha trajetória de vida, no que se refere ao universo teatral, começa logo aos cinco anos de idade, nos anos 2000 na cidade de Formoso do Araguaia – Tocantins. O teatro foi apresentado a mim, por minha mãe, que era professora de um pequeno grupo teatral da cidade, na época, por não despende de tempo a noite, ainda muito criança, não participava do grupo, pois os horários dos ensaios eram sempre a noite, porém com o passar dos meses surgiu um convite para trabalhar em uma das peças teatrais do grupo. A partir do primeiro contato com o meio teatral, tive a certeza do encantamento e amor pela arte teatral, percebi assim todas as possibilidades, que em relação aos dias de hoje, ainda eram limitadas.

Nessa pequena cidade, Formoso do Araguaia, os meios de acesso à cultura são limitados. O teatro é utilizado como uma “ferramenta”, apenas para auxiliar o ensino-aprendizagem, como por exemplo: nas escolas com as tradicionais “pecinhas” e na igreja para retratar as passagens bíblicas. Entretanto com a abertura desse grupo teatral muitas pessoas tiveram acesso ao teatro, porém a duração do grupo foi menos que dois anos, período em que houve o acompanhamento realizado por mim e participação nos trabalhos.

Após sair do grupo, continuei a realização de peças teatrais na escola, com um pouco mais de experiência foi possível tomar frente às peças realizadas. Por motivos pessoais houve várias mudanças de escola, possibilitando a oportunidade de participar de vários grupos diferentes.

O tempo passou o trabalho nas escolas sempre proporcionou o envolvimento com o universo do teatro e da dança, algumas escolas frequentadas não tinham teatro, porém sempre havia a busca por possibilidades de representar, a aula de português não passava livre sem uma declamação de poemas. No ano de 2010 quando o curso de Licenciatura em Artes Cênicas instaurou-se em Gurupi, minha mãe ingressou no curso, eu a acompanhava sempre, e aos poucos fui apaixonando cada vez mais pelo universo das Artes Cênicas, então não restava outro caminho a seguir senão o universo teatral.

Foi a partir desse momento que iniciei o contato com algumas técnicas teatrais e assim que finalizei o ensino médio, prestei o vestibular e ingressei no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas, agora prestes a terminá-lo, e concluir com o relato de

experiência da montagem cênica que aconteceu durante uma disciplina da grade curricular do curso.

3. PROCESSO COLABORATIVO

*"O processo coletivo não implica o 'todo mundo faz tudo',
mas pressupõe o 'todo mundo opina em tudo'".
(Sílvia Fernandes¹)"*

O processo colaborativo é um dos métodos de criação teatral utilizado por muitos grupos. Esse método consiste em uma criação, no qual todos se envolvem para chegar a uma concepção de um espetáculo. Basicamente o “Processo Colaborativo” é uma construção, na qual todos os integrantes caminham juntos, cada integrante do grupo tem uma função e sua responsabilidade é selecionar e organizar as ideias que chega para o todo. Esse sistema é posterior á criação coletiva, no qual todos são responsáveis pela concepção do texto dramático, figurino, cenário dentre outros elementos de um espetáculo.

O início desse novo método chega ao Brasil pelo grupo “Living Theatre”, um grupo norte-americano fundado em 1947 e existente até os dias de hoje, no qual José Celso Martinez Corrêa convida-os para ministrar oficinas e repassar técnicas teatrais. Esse mesmo grupo durante a década de 60 começa a criar essa forma modificada de criação coletiva, no qual os grupos de *Teatro de Buenos Aires – Oficina* e o *Grupo Los Lobos* foram recrutados para a experiência da criação teatral, no qual os grupos rederam ao teatro nacional a implementação de um novo método de fazer teatro.

Foi durante este período que o grupo desenvolveu um novo conceito de teatro, no qual o dramaturgo como tal parecia ser abandonado, e a obra apresentada surgiam a partir da colaboração e da inovaria de parte dos vários membros da companhia na criação coletiva. (BERTHOLD, 2000 P. 591)

¹ Sílvia Fernandes da Silva Telesi, é professora brasileira, atualmente leciona na Universidade de São Paulo USP, especialista no estudo da vanguarda teatral brasileira.

Como finalização de oficinas e ensinamentos sobre a criação coletiva, um dos primeiros espetáculos produzido com modelo de criação coletiva foi o *Gracias, Señor* (1972), no qual ultrapassaram os limites, romperam com o tradicional e fortaleceram a criação teatral, aumentando a capacidade de todos os envolvidos e intitulado uma revolução no meio teatral.

A partir desse espetáculo inicia-se a radicalização da criatividade no teatro, onde os espetáculos passam a ter a criação coletiva, no qual todos os atores estão envolvidos no processo de roteiro até a finalização. Entretanto durante o período da ditadura militar os grupos ficaram limitados e muitas das peças que se originaram do processo de criação coletiva foram censuradas. Fisher aborda ainda que;

A ditadura militar se estendeu durante um período de vinte anos (1965-1985). Dissolvidos importantes grupos como o *Arena* e o *Oficina*, de São Paulo, o *Opinativo* e *Comunidade*, do Rio de Janeiro, no início da década de 70, outras companhias se formaram, anunciando novos contornos para o teatro de grupo brasileiro. O discurso engajado e contestatório tomou-se contido e se desgastou. Jovens que se reuniam para a criação teatral pareciam, na sua maioria, mais interessados em promover um espaço de autoexpressivo a sistematização de seus procedimentos criativos e interações com a problemática social vigente. (FISHER, 2003. P, 13)

Pode-se dizer que essa forma de criação sofre grandes influências, políticas, sócias e econômicas, pois acredita-se que a arte como conceito seja a forma de expressão do ser humano demonstrar suas emoções, no qual o povo busca formas de dizer ou ouvir o que passa nessa época. Barone diz que;

A questão da metodologia empregada, no entanto, parece encontrar raízes não só nas criações dos grupos brasileiros que antecedem o chamado teatro colaborativo, mas em proposições nascentes em outros países, impulsionadas também pela necessidade de uma nova postura política diante do ato da criação. Se o Brasil assiste, dos anos 1960 aos 80, a um fortalecimento da criação nacional, frente às questões sociais e políticas que clamam por uma resposta artística... (BARONE, 2011, p. 02)

Ao romper essas barreiras há o início de uma nova linha de criação, na qual a imposição de ideias e o autoritarismo são deixados de lado para dar espaço a um método que consiste na aceitação de opiniões, buscando um interesse comum em prol de um espetáculo bem desenvolvido. A partir da influência do grupo Oficina outros dão continuidade a essa

vigente desenvoltura do teatro brasileiro, são eles de acordo com análise de Sílvia Fernandes sobre os Grupos teatrais dos anos 70, *Teatro União e Olho Vivo* (1969), *Royal Bexiga's Company* (1972), *Pod Minoga* (1972), *Ventoforte* (1974), *Pessoal do Victor* (1975), *Mambembe* (1976), *Ornitorrinco* (1977), os cariocas *Asdrúbal Trouxe o Trombone* (1972), *Ta na Rua* (1974), o sergipano *Imbua9a* (1977) e o gaúcho *Oi Nois Aqui Traveiz* (1978). Por definição de Fernando Peixoto ele descreve duas ideias de como se realiza o processo colaborativo.

A partir de uma postura ideológica próxima ou vizinha do anarquismo, seria um processo que acaba com a presença, grupo, de alguém como <chefe' ou <autor' ou <diretor', porque para estes isto seria a negação do conceito, já que todo o grupo é igual e deve participar igualmente no processo criativo.

Um coletivo em processo de criação, do texto ou do espetáculo, ou de ambos, significa uma participação essencial e íntegra de todos, mas permanecem como coordenadores ou organizadores desta vontade coletiva, figuras que assumem as tarefas de <autor'' ou <diretor. (PEIXOTO, 1993, p. 04)

Pode se perceber que o método chamado “Criação Coletiva” passa agora a intitula-se “Processo Colaborativo”, no qual os dois possuem uma verossimilhança entre eles. A criação teatral coletiva e colaborativa tem como elementos a construção de personagens, figurinos, roteiro, luz, cenário, enfim, tudo era produzido por todos os componentes do grupo. Mas nos dois processos a função do ator é ampliada, o que as difere é que enquanto o processo colaborativo tem nomenclaturas de função, no processo de criação essa ferramenta é dispensável. Luiz Alberto de Abreu expõe seu ponto de vista, dizendo que;

O processo colaborativo provém em linhagem direta da chamada criação coletiva, proposta de construção do espetáculo teatral que ganhou destaque nos anos 70, do século XX, e que se caracterizava por uma participação ampla de todos os integrantes do grupo na criação do espetáculo (...) A criação coletiva possuía, no entanto, alguns problemas de método. Um deles era a excessiva informalidade do próprio processo. (ABREU, 2004, pg. 02)

Durante os anos 1980, a aventura de chegar a uma criação coletiva que se pudesse contrapor ao sistema funcionalista vigente pareceu esgotar-se dentro de suas próprias contradições. Por sua vez o diretor assumiu de vez o papel de condutor do processo da criação teatral, substituindo, muitas vezes, o dramaturgo como geômetra

das ações e pensador do corpo de valores éticos e estéticos do espetáculo. (ABREU, 2004, pg. 03)

O processo colaborativo é um processo de construção de um espetáculo, no qual seus criadores lançam ideais, confrontam, examinando-as e fazendo com que elas sejam utilizadas de forma consensual entre todos, tendo possibilidades de utilizar um texto pronto ou construí-lo. O grupo não precisa necessariamente criar um roteiro para fazer uso do processo colaborativo. Luiz Alberto de Abreu diz sobre o fato de tornar a ideia de um em comum acordo que;

É claro que esse acordo não significa reduzir a criação ao senso comum, nem transformar o vigor da criação artística num acordo de cavalheiros. É um acordo tenso, precário, sujeito, muitas vezes, há constantes reavaliações durante o percurso. Confrontação (de ideias e material criativo) e acordo são pedras angulares no processo colaborativo. (ABREU, 2004, pág. 04)

Esse processo busca fugir das delimitações de um teatro funcionalista, a criação colaborativa se preocupa com um produto de qualidade, que traga uma condição igualitária para os artistas. Abreu discorre sobre o significado de processo colaborativo;

O processo colaborativo se propõe basicamente a romper as fronteiras, quebrar os espaços privativos de criação na construção do espetáculo. Isso é proposto não por razões morais, por mera opção por um discurso igualitário, mas por razões práticas: o processo colaborativo tem-se mostrado eficiente como resultado artístico”. (ABREU, 2004, pág. 06)

No Brasil há alguns grupos teatrais que trabalham com o processo colaborativo, o mais famoso é o “TEATRO DA VERTIGEM”. O grupo iniciou os seus trabalhos em 1922, um dos seus fundadores, o encenador Antônio Araújo que montou uma equipe, sendo os integrantes seus colegas de faculdade da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP. Foram seus colaboradores nesse período os atores Daniela Nefussi, Johana Albuquerque, Lúcia Romano e Vanderlei Bernardino, e utilizam desse método para a

criação e execução teatral atualmente. Todos esses trabalhos fundamentam o relato aqui, nessa monografia.

4. RELATO SOBRE O PROCESSO DE MONTAGEM: “ALÉM DAS APARÊNCIAS”

Para contemplar o anseio da pesquisa, no que se refere ao relato de experiência, a pesquisadora relatará, de agora em diante, em primeira pessoa.

No início fui apresentada a disciplina de “Montagem Cênica”². Nos primeiros encontros não havia compreendido a metodologia aplicada com todos os integrantes da disciplina, primeiro foram divididos tarefas e cargos para os estudantes, entretanto a tarefa atribuída não era só daquele discente, se outro tivesse proposta, poderia abrir para a turma e assim todos decidiriam se era cabível ou não para a cena.

E para iniciarmos as atividades usando o processo colaborativo, fizemos a leitura de alguns textos do grupo “Teatro da Vertigem”, acredito que a leitura possibilitou a abrangência de ideias. O Professor Brenno Jadvas apresentou três textos³, para nortear o processo de montagem. Lemos um dos textos, discutimos sobre o mesmo, no encontro seguinte fizemos uma recapitulação do encontro passado e partimos para a leitura de mais um texto sobre a narrativa e dramaturgia contemporânea de José da Costa, em seguida fizemos as divisões das funções entre os integrantes.

Minha função no início era de atriz, figurinista e maquiadora. Porém com a necessidade em outros cargos, optei por acumular também dramaturgia e cenografia.

A figura abaixo ilustra momentos descontraídos, no qual os estudantes iniciam jogos de improvisação, integrantes da disciplina “Montagem Cênica”.

² Componente curricular do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, no qual o Professor Mestre Brenno Jadvas Soares Ferreira, era ministrante.

³ 1: LUÍS ALBERTO DE ABREU – PROCESSO COLABORATIVO; Texto 2: ‘A GÊNESE DA VERTIGEM’ DE ANTÔNIO DE ARAÚJO; Texto 3: JOSÉ DA COSTA

Figura 1 - Momento em que se trabalhou a improvisação.



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

No encontro fizemos a recapitulação de todo o esquema feito, a seguir um determinado estudante, que foi determinado como diretor da montagem cênica, na divisão de funções citada acima, propôs alguns jogos de improvisação com temas variados, formaram-se duplas e cada uma tinha que desenvolver uma cena improvisada do tema que havia sido proposto pelo nosso diretor. A imagem abaixo mostra o momento desse jogo de improvisação;

Figura 2- Jogos de Improvisação



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

Esse momento lembra os estudos de Huizinga que aborda sobre os jogos teatrais e de improvisação:

Os objetivos dos jogos teatrais são criar ambientes de diversão e alegria, integrando o grupo e proporcionando a livre expressão dos atores, em um tempo fora da realidade. A proposta é entrar no jogo: "...o fato de ser livre, de ser, ele próprio, liberdade. Uma segunda característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida "corrente" nem vida 'real' (...)" (HUIZINGA, 1990, p. 11).

A partir desses jogos começou-se o processo de criação colaborativa, um integrante trouxe a primeira proposta de roteiro de texto a ser elaborado, que foi colocada em prática. Fizemos a leitura dramatizada do roteiro proposto pelo colega, o aquecemos como de costume, trabalhamos o corpo, alongando-o e a partir desse momento experimentamos as cenas, em meio ao improviso, foram retirados elementos para construir cada personagem. A figura abaixo demonstra momento de criação cênica, onde esses jogos partiam de uma experimentação de possíveis espaços para a montagem.

Figura 3-Improvisações que originaram cenas.



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

Ao decorrer dos encontros mais propostas foram apresentadas para o grupo, então partíamos para a leitura dramatizada, alongamento, aquecimento corporal e vocal. Em seguida começávamos o processo de improvisação e jogos teatrais para colocar em prática nosso roteiro em construção. Utilizamos os jogos para auxiliar nesse processo de criação colaborativa, pois os mesmos nos ajudam a compreender o nosso corpo, nos deixa em um estado de prontidão e liberdade para executar nossos movimentos de forma livre. Essa ideia corrobora com Boal, ele diz em seu livro que;

[...] os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados as tarefas repetitivas do dia a dia, especialmente às do trabalho e às condições econômicas, ambientais e sociais de quem os pratica.

O corpo, no trabalho como no lazer, além de produzi-los, responde aos estímulos que recebe, criando, em si mesmo, tanto uma *máscara muscular* como outra de *comportamento social* que atuam ambas, diretamente sobre o pensamento e as emoções, que se tornam, assim, estratificadas. Os jogos facilitam e desmecanizam sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência. (BOAL, 2013, p.16)

Os jogos como já havia falado antes, foram fundamentais para o aprofundamento das características pessoais, logo em seguida trabalhamos o emocional destes personagens, e mais uma vez aplicou-se os jogos para que o trabalho obtivesse sucesso. SPOLIN (2010) aborda que;

As oficinas de jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo. (SPOLIN, 2010, p. 29)

Quando o ator se propõe a jogar, ele desenvolve sua consciência corporal, tornando-o capaz de ser totalmente expressivo corporalmente, o jogo teatral permite que mesmo sem a fala, seu corpo possa passar para o público a mensagem que o personagem queira transmitir. De acordo com Boal (2013), o importante do jogo teatral não é acertar, mas sim propiciar para que o integrante consiga expressar-se através de seu corpo. A figura

seguinte representa momentos em que os jogos teatrais eram utilizados para compor os personagens.

Figura 4- Jogos teatrais aplicados a cena.



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

Depois de executar os jogos com os integrantes, fomos para a improvisação com o roteiro proposto a partir do texto. Porém o processo de criação não seguia a maneira esperada, alguns participantes do grupo se mostravam inseguros, e consequentemente omissos ao trabalho ansiado pelos demais, ou seja, preferiam um texto pronto. A cada encontro pude perceber que as tarefas e a convivência ficavam mais adversas entre os colegas, insistiam em estar na zona de conforto, não se dedicando de maneira intensa a proposta do professor. A preparação vocal e corporal foi fundamental para que os atores construíssem seus personagens, e os mesmos conseguissem ganhar credibilidade na cena. Cada improvisação focava no jeito de andar, como se portar, como falar, como se expressar, cada elemento desse era exaustivamente instigado por nosso professor. Huizinga reforça essa ideia quando afirma que:

De acordo com o conceito de jogo proposto por Huizinga, podemos afirmar que o jogo teatral, enquanto objeto estético possui uma estrutura ou realidade independente, autônoma, portadora de sentido próprio, configurada no decorrer do próprio jogo, pela manipulação de uma materialidade específica ao fazer teatral (HUIZINGA, 1990, p. 11).

É importante ressaltar que o dramaturgo que havia sido definido pelo grupo, não estava colaborando de forma satisfatória, a partir do momento que se notou a falta de material do sujeito citado acima, Eu e Nattan Roberto da Silva Galvão, doravante citado como Nattan, levamos uma proposta viável, assumindo assim o função de dramaturgos do espetáculo. A partir desse momento os ensaios começaram a tomar forma com a chegada dessa proposta baseada em um improviso. Acordado entre todo o texto que apresentava como personagens centrais Maria Júlia e Eduardo. Essa proposta de texto foi a escolhido para o início da montagem cênica. Ao decorrer de cada ensaio, os personagens foram sendo construído.

A partir do momento em que se tinha uma proposta definitiva, os outros integrantes começaram a trazer as propostas de cenas dramatúrgicas de seus personagens, pude perceber que quando foram instigados pelos seus personagens, surgiu à vontade de alguns trazerem por escrito características mais aprofundadas. A dramaturgia foi construída por todos, como se fosse uma colcha de retalhos, na qual cada integrante colocou um pouco de si.

O texto: “Além das Aparências”, era uma retratação fiel da vida cotidiana, onde se percebia o amor, o ódio, a inveja, a avareza, a ganância, que eram pontos fortes a serem abordados no espetáculo.

Antes que comesçassem os ensaios, sempre chegávamos e fazíamos o aquecimento e alongamento, corporal e vocal, acredito que esse exercício foram fundamentais para que os atores não sofressem nenhum tipo de lesão física, como também ficassem no estado de concentração e tornando os ensaios mais produtivos.

Figura 5 - Aquecimento e Alongamento



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

O texto dramatúrgico contava com oito personagens, foi feita a leitura branca, logo após, a leitura dramática, momento em que se trabalharam a memória emotiva dos personagens, as quais não apareceram na primeira leitura, pois a proposta seria criar essas intenções em grupo, então partimos para a atuação, momento em que os atores tomaram conta do palco e dramatizaram.

A preparação vocal foi alvo de muito trabalho. No decorrer dos encontros o aquecimento da voz era indispensável, éramos constantemente cobrados para que levássemos propostas que contribuísse para o processo de montagem. Em um dos encontros o integrante Nattan levou músicas que trabalhavam o emocional do ator e ao mesmo tempo, nos induzia a um estado de leveza, tornando o momento propício para a criação. Em outro momento trabalhamos a intensidade da nossa voz, articulando-a, projetando-a em todo espaço, trabalhando os ouvidos para ouvir a si e ao outro.

A figura a seguir ilustra trabalhos realizados voltados à consciência corpóreo/vocal.

Figura 6 - Trabalho corporal e Vocal



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

No processo de construção do corpo do personagem fizemos muitos jogos e exercícios, para que os atores entendessem seus personagens e buscassem cada vez mais o comportamento de cada um, constantemente recebíamos estímulos de diferentes modos, sejam eles por músicas, cheiro, paladar ou vídeos. De acordo com Augusto Boal;

O corpo, no trabalho como no lazer, além de produzi-los, responde aos estímulos que recebe, criando, em si mesmo, tanto uma *máscara muscular* como outra de *comportamento social* que atuam ambas, diretamente sobre o pensamento e as emoções, que se tornam, assim, estratificadas. Os jogos facilitam e desmecanizam sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência. (BOAL, 2013, p.16)

Nessa prática constante de jogos e improvisações sempre surgia algo novo que inseríamos nas cenas, a produção de ideias relevantes para o espetáculo era fulminante e para que não perdêssemos isso, o diretor sempre estava fazendo as anotações, sobre o que havíamos gerado.

Continuando o processo de preparação vocal, foi usada pelo diretor a proposta da animalização, ou seja, usar a figura de um animal em nosso corpo, reproduzindo sons e gestos, no qual se trabalhou tanto a voz quanto o corpo. Considerando a potencialização da voz, acredito que esse jogo foi de extrema importância para o processo de criação de alguns personagens, pois quando os atores passaram pelo processo de animalização, trabalharam as emoções dos personagens, deixando em evidências suas características emocionais na voz. De acordo com Polski:

“(..) o estilo desse teatro. Evidentemente é anti naturalista. Rompe com aspecto, o modo falar e os movimentos convencionais, os substitui por uma atuação inventada caracterizada por uma ritmização dinâmica do espetáculo como se fosse uma partitura musical, tanto vocal quanto pantomímica. Esse modo quase ritual do teatro primitivo é homogêneo e revelador(..). (T. Kudliriski, Dziennik Polski, 18. 1. 1961)

Um dos jogos de preparação corporal tinha como objetivo a concentração e interação entre os componentes para estabelecer vínculos entre os personagens, o jogo era lançar palavras que faziam parte de seu personagem, criando assim vínculos entre eles. As palavras eram lançadas como flecha, todos tinham que estar concentrados, pois a palavra era direcionada com apenas um olhar. Um dos pontos negativos se deu por conta da falta de comprometimento de alguns colegas, que insistiam em utilizar seus celulares durante os ensaios, pude perceber que essa prática não só desconcentrou a pessoa que estava utilizando o aparelho, como também atrapalhou todo o grupo, ressaltando que quando se está no processo de criação, a utilização de aparelhos telefônicos e qualquer outro tipo de objeto, que não faça parte da proposta, são inadmissíveis.

Procurando resolver essa problemática nosso professor pediu que o aparelho fosse guardado, ou que a pessoa se retirasse do ambiente, porém ao voltar pra o exercício não foi possível retornar toda a intensidade que havia naquele momento de criação. De acordo com Viola Spolin, quando o ponto de concentração é estabelecido não há motivos para ser interrompido.

O ponto de concentração libera a força grupal e o gênio individual. O ponto de concentração torna possível a percepção, ao invés do preconceito; e atua como um trampolim para o intuitivo. Esta focalização do detalhe dentro da complexidade da forma artística, como num jogo, dá a todos alguma coisa para fazer no palco, cria a verdadeira atuação através da total absorção dos jogadores e através da eliminação do medo da aprovação/desaprovação. (SPOLIN, 2010 P. 21).

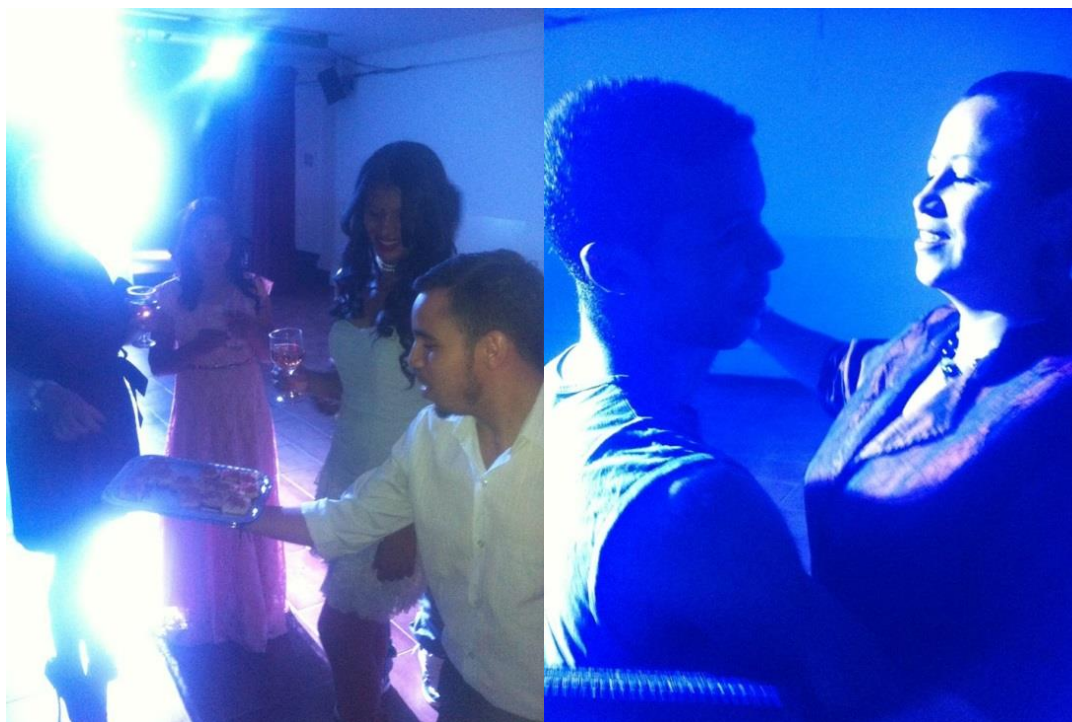
Trabalhamos com o texto na base do improviso, fomos para um espaço alternativo e experimentamos uma proposta diferente, cada integrante encenava seu texto de frente para a parede, como se estivessemos olhando para o espelho, onde era refletida nossa verdadeira face, quando o personagem virava-se dizia um breve texto sobre quem possivelmente era aquele personagem, buscando trabalhar a identidade desse personagem para trazer mais veracidade à cena.

A partir de muitas experimentações foram surgindo temáticas como os setes Pecados Capitais que contribuiu para fomentar e guiar as experimentações seguintes.

Em um dos nossos encontros, organizamos um baile, proposta de duas integrantes que estavam elaborando a concepção do cenário. O baile aconteceu no laboratório de encenação do IFTO, todos foram devidamente caracterizados, nesse encontro trabalhamos os personagens no ambiente, que foi desenhado para seus personagens, notou-se que ao encenar com os figurinos e o ambiente os atores desenvolveram melhor seus personagens, foram ficando mais íntimos, tornando assim um ensaio promissor.

Veja a figura a seguir:

Figura 7- Experimentação de uma improvisação



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares (2016)

Com o êxito dessa experimentação foi proposto para que ocupássemos uma área externa, a ideia era que saíssemos da zona de conforto e confrontássemos nossos personagens com o público. Foi sugerido que fôssemos a um evento de Arte, no qual acontece duas vezes por mês nas praças da cidade de Gurupi/TO. Esse evento ocorreu na praça do Centro Cultural Mauro Cunha, cujo objetivo é promover a Arte em geral.

A proposta seria chegar caracterizados ao evento, figurinos pensados para os personagens evidenciando o luxo. Ao chegar fizemos uma concentração e o nosso diretor e professor pediu que andássemos pelo espaço e com nossos personagens, cumprimentássemos o público, os quais estavam misturados, e deixássemos em evidência nossas relações. Andamos por todo evento cumprimentando o público, como se todos estivessem em um grande baile promovido para Maria Júlia, personagem da peça: “Além das Aparências”, título dado por todos os integrantes da mesma.

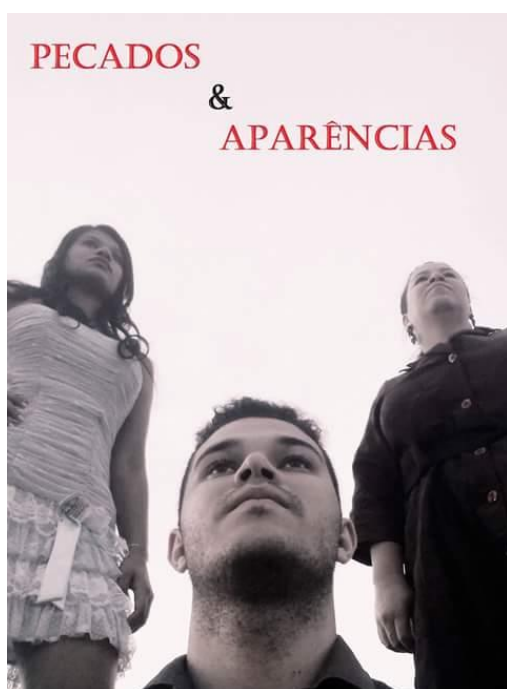
Nesse encontro, nosso professor levou um texto de Antônio Araújo para que fizéssemos a leitura, logo após discutimos o mesmo. Esse texto “A gênese da vertigem”, foi utilizado como meio teórico para que os dramaturgos compreendessem como fazer as ligações entre as cenas que estariam sendo criadas. A partir dessa leitura surgiram outras propostas de cena, onde fizemos a leitura da mesma e em seguida a improvisação. Com o surgimento de

muitas ideias durante a improvisação, foi necessário que os integrantes anotassem para que pudessem desenvolver essas ideias em casa e trouxessem no próximo encontro.

Com as ideias no papel partimos para a experimentação de cada uma delas, as cenas eram compostas por boas ideias, porém somente após a improvisação de cada tema, selecionava-se o que era cabível para o trabalho, e partíamos para a fundamentação desses personagens e cenas que iam compor o espetáculo.

Diante do êxito do experimento na praça, fomos convidados novamente a expor nossos personagens em outro evento, neste dia ocorreu uma grande defasagem no elenco, pois somente alguns compareceram ao evento, deixando as relações limitadas, porém nosso professor Brenno Jadvas e diretor Cleomar Vieira da Silva orientaram um aquecimento e jogos de concentração. Emitíamos nossas falas em uma roda e direcionávamos para outro personagem, com quem contracenávamos assim nos levando ao ápice dos personagens, então foi redirecionado a nós comandos para explorar os espaços, buscando estreitar o vínculo entre os personagens. Diante dessa defasagem ficamos desmotivados no começo, mas com o estímulo aplicado corretamente, produzimos conteúdo para o espetáculo, na empolgação surgiu ali, para nós um ensaio fotográfico, a paisagem e os personagens eram o cenário perfeito para o *folder* do espetáculo, assim finalizamos o dia de trabalho com um ensaio cênico satisfatório para a construção do espetáculo. Figura abaixo: Primeira proposta de *Folder* para o espetáculo.

Figura 8 - Primeiro Folder



Fonte: Foto do acervo pessoal de Nattan Roberto da Silva Galvão (2016)

Após o prólogo e o espetáculo estar quase pronto, partimos para o ensaio, no qual todos os personagens se encontravam e estabeleciam relações. No encontro seguinte fomos para uma apreciação de imagens que dialogassem com a proposta do espetáculo, estimulando assim a criatividade dos integrantes para a concepção de mais ideias em relação à construção. No dia seguinte um dos integrantes trouxe para o grupo um roteiro que propunha novas relações entre personagens, após a leitura do mesmo a improvisação foi utilizada novamente, tanto para a proposta que acabara de chegar quanto para o prólogo do espetáculo.

Com vários personagens consolidados fizemos a experimentação dos mesmos. Dirigimo-nos a um novo espaço da instituição e fizemos a passagem do prólogo, ao final do ensaio o diretor e orientador, nos convidaram a fazer um laboratório com os possíveis figurinos no evento: “Nós na Praça”, evento citado anteriormente. Esse encontro nos permitiu perceber o quanto um laboratório é importante para concepção de um espetáculo, momento em que se possibilita experienciar o processo de montagem, utilizando figurino e adereços, pois a apresentação dos personagens ao público, já compostos, leva-os a consolidarem suas vidas diante da sociedade, tornando-os assim, verídicos.

Ao voltar para nosso local de ensaio costureiro, fizemos alongamentos corporais e vocais, foi então que trabalhamos a memória emotiva dos personagens, fizemos jogos em que se trabalhou todo momento com as características emocionais e como esses personagens se sentiam diante de suas vidas emblemáticas. Esse exercício da memória emotiva dos personagens, foi baseado nos exercícios que Stanislavski descreve em seu livro: *A Construção do Personagem*, no qual ele fala sobre a memória emotiva ou afetiva, que quando se revive o sentimento o personagem consegue transferir para o público a sua verdade. Para Stanislavski:

Esse tipo de memória, que faz com que você reviva as sensações que teve outrora, vendo Moskv representando ou quando seu amigo morreu, é o que chamamos de memória das emoções ou memória afetiva. Do mesmo modo que sua memória visual pode reconstruir uma imagem interior de alguma coisa, pessoa ou lugar esquecido, assim também sua memória afetiva pode evocar sentimentos que você já experimentou. (STANISLAVSKI, 2001, pag 207).

Constantemente conversávamos sobre qual seria o lugar no qual nos apresentaríamos, se seria mesmo no espaço do Instituto ou se levaríamos o espetáculo para outro espaço. Como o baile luxuoso já era uma cena consolidada, vários colegas trouxeram a proposta de que fossem em outro lugar. Em uma conversa informal eu e um colega estávamos

relembrando uma das improvisações que havíamos feito no salão de entrada do instituto, foi aí que nos surgiu à ideia de um hotel, pois no mesmo havia espaço para o baile e também as cenas poderiam acontecer dentro de cada quarto.

No encontro seguinte levamos a proposta para os colegas, a de que transformássemos as salas de aulas em quartos de hotel, pois a ideia de apresentar a montagem em quartos é mostrar que dentro de quatro paredes os personagens eram diferentes, eram além das aparências, partindo dessa ideia fomos para a experimentação, momento em que o grupo acordou que um hotel seria o local onde o espetáculo aconteceria, fomos para o salão de entrada, fizemos a cena nesse espaço, entretanto na hora surgiu outra ideia, oriunda do nosso diretor, ou seja, que fizéssemos o baile no Laboratório de Encenação, acatando essa ideia, nos dirigimos para o local e encenamos.

A figura seguinte mostra momentos dessa encenação.

Figura 9- Momento de experimentação



Fonte: Foto do acervo pessoal de Brenno Jadvas Ferreira Soares

Em um dos encontros nosso orientador trouxe a coordenadora do curso de Licenciatura em Artes cênicas, Marly Magalhães para um bate papo sobre um processo de um espetáculo que ela havia participado, e que o mesmo utilizava espaços alternativos e

encenação itinerante, diante desse fato posso afirmar que para a construção de um espetáculo usando o processo colaborativo como método é produtivo que haja esse tipo de intervenção com o grupo, para que os mesmos aumentem sua percepção do processo de montagem.

A partir do bate papo e da ideia do hotel, foi sugerido para o grupo utilizarmos um bloco do IFTO, onde as salas não estariam sendo utilizada para aula naquele semestre, como toda proposta, essa não foi diferente, partimos para a experimentação do local, porém após a experimentação alguns dos integrantes lançaram outra ideia para o grupo; “Por que não fazer esse espetáculo em um hotel?” Então fomos à busca de um hotel.

No outro ensaio trouxeram a proposta de utilizar um hotel desativado de uma colega do curso, foi sugerido que falássemos com ela sobre a possibilidade da apresentarmos nesse local, então resolvido à questão com ela, marcamos de todos irem ao local verificar o espaço. Dirigimo-nos até o mesmo, conhecemos o espaço e decidimos que o local não era adequado por questões pessoais da dona do.

Acordado entre todos decidiu-se que o local da apresentação seria o pavilhão do IFTO, cujas salas estavam sem utilização. Após essa decisão partimos para a construção da lista de materiais, que seria utilizado no espetáculo. Nessa lista colocamos tudo que iríamos precisar, ou seja, figurinos, elementos da cenografia, sonoplastia e iluminação.

No encontro seguinte já trouxemos as propostas de figurinos e cenário, tudo baseado em que os personagens já tinham se identificado.

4.1 Figurinos

Os figurinos são responsáveis por uma referência estética que instiga e leva o público a compreender mais sobre o personagem. O estilo criado para os personagens foi uma representação do cotidiano da alta sociedade, as indumentárias foram elaboradas para traduzir o meio em que os mesmos viviam. A concepção dos figurinos iniciou logo que os personagens foram estabelecidos, sabendo que os mesmos seriam luxuosos e elegantes, a criação de cada *croqui* foi baseada nas questões e características de cada personagem. As cores mais fortes passam para o público a essência de cada personagem.

Primeiro estabelecemos quem eram esses personagens, partindo desse ponto começamos a desenhar no modelo as características da personagem como, por exemplo, a personagem “Gabriela”, que tinha um vestido elegante, justo ao corpo, com brilho,

transparência e fenda que expressava toda a sua vontade de ser superior, ou seja, a inveja que a consumia. Abaixo temos fotos dos figurinos *croqui* inicial e o resultado final.

Os vestidos compridos, longos e luxuosos, traduzem a amplitude da vida de cada um, pode-se dizer que as perfeitas simetrias dos figurinos fazem uma analogia as suas vidas cheias de adversidades sociais.

Outro exemplo claro de concepção é o figurino de Colin ⁴, uma advogada que era ambiciosa e poderosa, tinha os homens aos seus pés, seu figurino mostrava o empoderamento feminino, a escolha da cor vermelha vinho representava seu poder feminino diante da sociedade.

O figurino dos personagens masculinos foi baseado em uma vida de elegância, porém alguns tinham requintes de uma vida nada glamorosa, exemplificando mais essa questão, alguns personagens não eram tão luxuosos e viviam de aparências, portanto seu figurino foi concebido de algo que transparencia características refinadas, mas na verdade eram vestes comuns.

É importante ressaltar que a partir do momento em que se estabeleceu que iríamos ser personagens elegantes, iniciou-se a utilização de algumas peças para complementar os personagens, ou seja, as mulheres utilizaram saias, vestidos e sapatos de salto. Os homens trouxeram para a cena roupas de caráter formal. Utilizamos todos esses elementos para chegar a uma melhor concepção do personagem.

Abaixo temos os figurinos de alguns personagens de acordo com a proposta inicial e como ficou o resultado final, alguns modelos variam de tamanho e forma, mas eles não perdem a elegância, o luxo que foi a proposta.

⁴ Collin personagem da peça Além das Aparências, uma advogada que cuidava dos interesses de Maria Julia e tinha um caso secreto com Eduardo Couto, marido da Top Model Maria Julia.

Figura 10 - Figurino Inicial e Final de Maria Julia.



Fonte: Acervo próprio (2016)

No processo de escolha do figurino da personagem de Maria Julia foi opinada a cores na tonalidade azul, e como a temática solicitava um vestido longo optou-se por um longo azul *godê*, no qual a escolha final foi da personagem em concordância com os demais.

Figura 11 - Personagem de August - Figurino Inicial e Final



Fonte: Foto do acervo pessoal de Maria de Jesus Oliveira (2016)

O personagem August, marido de Gabriela, antes vestia um modelo casual e então modificou para um modelo elegante para uma festa de gala.

Gabriela, logo abaixo, só modificou a tonalidade para o azul, transparecendo a inveja que sentia da irmã e acrescentou um tecido transparente para deixar em evidência seu caráter profano.

Figura 12- Personagem Gabriela - Antes e Depois



Fonte: Foto do acervo pessoal de Maria de Jesus de Oliveira (2016)

O figurino de Colin modificou-se o comprimento para o longo e a tonalidade, para o azul, para realçar sua elegância na festa sem deixar transparecer sua verdadeira face.

Figura 13 - Personagem de Coli - Antes e Depois



Fonte: Foto do acervo pessoal de Cleide Rodrigues (2016)

O figurino de Priscila modificou a tonalidade, por ser uma personagem que exigia um pouco mais de inocência, mudou-se para a tonalidade azul petróleo.

Figura 14- Personagem Priscila - Antes e depois



Fonte: Foto do acervo pessoal de Cleide Rodrigues (2016)

4.2 Cenário

O cenário se fez através do que cada personagem procurava transmitir, adequamos às tonalidades de acordo com o perfil de quem encenava no local. O cenário é peça fundamental na composição visual da cena, também o figurino, a iluminação e maquiagem. Mas na montagem cênica podemos focar o cenário enquanto complemento dos personagens, pois utilizamos somente o que era usado nas cenas.

A figura seguinte retrata o quarto de Colin, onde todos elementos eram utilizados em cena.

Figura 15- Quarto de Collin



Fonte: Foto do acervo pessoal de Cleide Rodrigues (2016)

Em cada quarto procuramos desenhar de acordo com que o personagem transmitiria. Um exemplo era as tonalidades dos forros que havia dentro de cada quarto, todos foram pensados para buscar o melhor entendimento desse personagem. Estabelecemos que eu e Nattan desenhássemos o *croqui* do cenário, assim o fizemos e foi levado para que, em conjunto, o grupo opinasse sobre o mesmo. Com muitas modificações feitas no *croqui* partimos para a ideia de utilizar o máximo possível de materiais reutilizáveis, pois recebemos verba do instituto para a compra de elementos como cenário, figurino, maquiagem, materiais cênicos, que seriam aproveitados após a finalização das apresentações do espetáculo montado na disciplina. Deve-se ressaltar a dedicação de alguns integrantes para a arrecadação de fundos, para a compra de cenários, figurinos, adereços e maquiagens para o espetáculo. Durante esse longo período da montagem do espetáculo, foi feito arrecadação com apresentações artísticas dos integrantes do grupo que equivaleu a 12% do recurso total, acentuando que 88% dos fundos que foram arrecadados foram doados pelo IFTO, o mesmo liberou uma verba para o auxílio da compra de materiais para o espetáculo, o que foi de suprema importância para o resultado final. Após finalizar os *croquis* voltamos para os ensaios.

4.3 Ensaios

Ainda em busca da melhor encenação, fizemos os ensaios dos quadros de cenas, ou seja, cada quarto havia cenas, onde ensaiamos exaustivamente. Após o ensaio partimos para a dramaturgia, dividimos em duplas para a escrita do roteiro, cada dupla escrevia seu roteiro baseado na improvisação que fizera anteriormente.

Com o roteiro quase pronto, foi feita a leitura do mesmo, partimos para a organização e estruturação na ordem das cenas, de acordo com o espaço. Percebeu-se o quanto esse momento de fazer as amarras entre as cenas são cansativos e trabalhosos, pois fazer e estabelecer uma cena com a outra é um grande desafio. Não é estranho que no universo teatral temos um roteirista para fazer esse trabalho admirável. Beatriz Ângela fala no livro *Cartografias do ensino do teatro*, organizado por Narciso Telles e Adilson Florentino, sobre o texto dramático. Ela diz: “Entretanto, a reconstrução do texto dramático ou a criação coletiva a partir de fragmentos do texto, exige a habilidade de um dramaturgista”. CABRAL (2009, pág. 37). Pensamento este, que contribuiu para nossa percepção de processo colaborativo.

Trabalhamos o texto, nos dedicamos a ensaiar nossas falas durante um mês, e cada semana dois encontros para o ensaio geral. Porém percebeu-se que ao passar da metade do mês a maioria do grupo ainda não havia fixado o texto, e que continuavam na improvisação, notou-se que não estávamos ensaiando o texto devidamente, então para resolver essa problemática decidimos que a metade do tempo do encontro seria usada para passar o texto, cada cena era passada com o colega, assim em duas semanas o texto estava fixado e pronto para os ensaios.

No encontro seguinte chegamos, fizemos os alongamentos e aquecimentos, e partimos para o ensaio. Depois de verificar a qualidade dos ensaios, decidimos então finalizar a construção do roteiro. Partimos para os últimos detalhes, a partir desse momento com o grupo, foram colocados no roteiro tudo o que entraria na cena e o que ficaria de fora. Como o grupo estava bem encaminhado, foi proposto assistirmos um espetáculo da “Cia Giro 8” de Goiás/GO, a qual também utiliza em alguns de seus espetáculos o processo de criação coletiva. Após a apreciação do mesmo, partimos para um debate e alguns integrantes foram até o grupo conversar sobre como foi o processo de criação deles. Com mais bagagem teatral, levando as explicações do “Giro 8”, os integrantes partiram para mais uma criação de uma

cena, a qual modificava um quadro que não estava satisfazendo a expectativa. Partimos para o ensaio geral, enquanto a cena que acabara de ser criada era ensaiada com o auxílio do diretor e do professor.

Na busca da memorização do texto, foi reservado para os atores alguns dos dias, para ensaiarmos o texto e decorarmos as falas. De acordo com José Luiz Ribeiro, no livro: *Cartografias do Ensino do Teatro*”, a memorização do texto dramatúrgico não é uma tarefa simples, ele cita que: “O homem pensa por imagens. Associá-las é um bom exercício para a memorização das falas. Mas o mais importante, quando se trata de um texto dialogado, é saber ouvir como personagem”. RIBEIRO (2009, pág. 138). Sendo Assim acredito que fizemos a memorização do texto corretamente, pois utilizamos de nossos personagens para vivenciar as falas, transformando-as na vida desses personagens.

Com um mês e meio de ensaio fizemos outro experimento com elementos que estariam na apresentação final, fizemos um baile combinado na aula anterior, os integrantes se reuniram horas antes do encontro para organizar os elementos que seriam usados mais tarde, fizemos salgados e doces, preparamos refrigerantes e sucos, para que cada personagem sentisse cada gosto, o paladar foi aguçado, o ambiente com luzes coloridas e som ambiente, que nos levava a sensação de estar em um baile, aguçando assim outros sentidos, entretanto essa característica ficou bem mais expressiva quando os personagens foram chegando e se apropriando, cada qual com seu figurino. Foram fundamentais para essa experimentação, digo que foi um “sucesso”, notava-se que saía do espaço, personagens mais consolidados e atores com mais disposição para com seus personagens.

A decisão seria fazer uma recapitulação de todo espetáculo em um dos encontros. Desde o início, discutiu-se a função de cada integrante no espetáculo, e todos falaram de como estavam desenvolvendo suas atividades propostas. Após essa breve contextualização sobre o processo o qual estávamos envolvidos, partimos para a leitura do roteiro final.

Nos encontros seguintes ensaiou-se exaustivamente o que havia sido construído, para que o espetáculo obtivesse qualidade. O ensaio aconteceu de variadas formas, com duplas, somente nos quartos e o ensaio geral. A passagem do texto em duplas foi extremamente valioso, pois os atores conseguiam fixar melhor suas falas e ações durante a cena.

Depois de muito ensaio optou-se por fazer um ensaio aberto, no qual tudo foi preparado como se fosse a apresentação final. Com a presença de público para prestigiar o trabalho, também com o objetivo de obter contribuições. Foram convidadas as turmas de Artes Cênicas para o ensaio aberto que seria executado. Foi de grande valia, pequenas

questões foram levantadas, todas bem recebidas e analisadas por toda a equipe do espetáculo. Depois desse evento deu-se continuidade aos ensaios e aos preparativos para apresentação final utilizando das orientações vindas desses olhares externos.

4.4 Apresentações do espetáculo

O espetáculo ficou consolidado após esse longo processo de criação, depois de todos os personagens estarem compostos com suas características físicas e emocionais, começamos a passagem geral. A cada encontro passávamos no mínimo três vezes o espetáculo, buscando a fixação do texto, já podia notar a grande diferença entre o ator e o personagem, logo que todos começavam o aquecimento, via-se que tudo se modificava, cada olhar, cada gesto, em face de expressão de quem muito amava e também muito odiava.

Na primeira apresentação que realizamos chegamos as 07h: 00 min para deixar o cenário pronto, cada personagem montou o cenário do quarto, onde o mesmo iria encenar, os empecilhos existiam, porém a equipe rapidamente solucionava os problemas que havia surgido. Ficamos o dia inteiro na montagem dos cenários, acredito que o tempo que foi dedicado à montagem do cenário foi satisfatório, porém devido alguns atrasos dos atores e atrizes na primeira apresentação, houve um atraso, pois os mesmos foram aprontar seus personagens, vesti-los e caracterizá-los.

Como notamos que o tempo estava a passar, ajudamos uns aos outros, aplicando mais uma vez o a técnica de colaborar um com outro até o final. Ao meu olhar, percebi o quanto o grupo estava envolvido com o trabalho, pois nesse dia estabeleceu-se um elo entre todos, no qual relembramos nossa trajetória, fizemos nosso aquecimento vocal e corporal, andamos pelo espaço, fizemos o reconhecimento e então partimos para a nossa primeira apresentação.

Na primeira cena do espetáculo uma festa acontece no salão de um grande hotel luxuoso, onde ocorre uma comemoração para prestigiar uma famosa modelo, lá estão presentes todos os pivôs do espetáculo. Nos primeiros minutos nota-se ao descer pela escada Dr^a Collin uma advogada brilhante, que cuida dos interesses da famosa modelo Maria Júlia Couto e seu marido Eduardo Couto. Como em toda festa, nesta não poderia ser diferente, havia ali pessoas que não foram convidadas, como a irmã do *Top Model*, Gabriela, que apareceu com seu marido August. Ali estava presente a mãe de Priscila, Augusta, que tentava proteger a filha e tinha conversas duvidosas com o amigo de Eduardo, Cláudio, dono de uma

das revistas mais importantes do país: *League Shirts*, que tentava fechar um contrato com Maria Júlia.

A grande organizadora da festa era Leila, amiga íntima de Maria Júlia e desconfiava que Eduardo Couto praticava agressões contra a esposa, e que ainda não seria fiel a mesma. Ali no salão de festas o público não conseguiria identificar a verdadeira índole de cada personagem, porém quando a cena é transferida para dentro dos quartos do hotel, os espectadores (relatos do próprio público), conheceram de forma impactante, que o casal mais bem-visto e colocado na sociedade, na verdade era uma versão de uma mulher escravizada pelos seus sentimentos. E ele um homem cuja ganância não tinha limites, usava de todos os artifícios contra sua mulher.

Após uma cena efervescente entre Maria Julia, Eduardo, Collin e Gabriela, o baile se encerra e todos são convidados a subirem para os quartos. A primeira cena é protagonizada por Maria Julia e Eduardo, ela é a primeira a entrar no quarto, enquanto está trocando-se, Eduardo entra, senta-se e começa o diálogo com ela. No desenvolver da cena, o público já demonstra compreender através de expressões sobre o que se passava diante de seus olhos, pois na cena Eduardo não é um marido agradável, ao agarrá-la pelo braço e jogá-la bruscamente em cima da cama, tornando a cena com requintes de violência.

Na segunda cena, Eduardo na tentativa de conseguir algo importante de Collin, a seduz com o objetivo claro de usá-la para suas tramoias. Algo que chama a atenção nessa cena é que a técnica usada pelos atores, permite que os personagens Eduardo e Collin, transfiram para o público todos os aspectos de um caso extraconjugal.

Na terceira cena, Eduardo ao sair do quarto de Collin, se encontra com Leila, a amiga de Maria Júlia, na qual se estabelece a relação que Leila desconfia de Eduardo, a partir desse momento o espetáculo começa a entrar em uma fase de quase revelação, no qual a personagem Leila, revela a Eduardo que sabe de tudo que está acontecendo entre o casal, nessa cena surgem ameaças e enfrentamentos dos dois lados.

A quarta cena acontece entre Gabriela, August e Maria Júlia, na qual Maria Júlia descobre uma grande traição de sua irmã Gabriela, que ao ver que Maria Júlia descobriu tudo fica transtornada, a revelação nessa cena se dá por ambas partes, tanto de Gabriela como de sua irmã.

A quinta cena tem como personagens Augusta e Cláudio, que são dois interesseiros em busca de dinheiro fácil, os dois começam com um jogo de chantagem um com outro por ações que ocorreram no início da peça, logo em seguida a sexta cena já é entre Augusta e sua filha Priscila, a qual é apaixonada por Eduardo, não esconde que é totalmente

submissa a ele. Essa cena é descrita como uma possível cena tradicional, na qual a mãe tenta ajudar a filha e mostrá-la que esse não é um bom caminho.

Na sétima cena Eduardo retorna até o quarto de Maria Júlia furioso, pois teme ser desmascarado por Leila. No calor da fúria Eduardo volta a fazer com Maria Júlia o que ele sempre faz, agredi-la, tornando assim umas das cenas mais violentas do espetáculo, onde ocorrem momentos impactantes.

Na oitava cena os personagens August e Eduardo, tem uma conversa bastante íntima sobre um possível serviço ilegal e deixa no ar que, além de August fazer tudo que Eduardo manda, instiga o público a perceber que August tem fortes sentimentos por Eduardo.

Na nona cena o espetáculo se finda, os personagens envolvidos revelam um grande segredo ao público, diante desse grande conflito a cena finaliza com a morte de um dos personagens.

Na segunda apresentação acredito que fomos profissionais, sete dos oito integrantes chegaram na hora marcada, acredito que com a primeira experiência, os integrantes optaram por melhorar o espetáculo, acreditando todos que não haveria atraso, entretanto o grupo não contava com a falta de um dos integrantes, por alguns minutos o grupo ficou desnorteado, pois houve naquele momento uma quebra grande no elenco. Como o grupo buscou solucionar essa problemática?

Como todos tinham seus textos decorados, foi utilizada na hora da apresentação a improvisação, utilizando-se de outros personagens para transmitir ao público a parte que era necessária, para o entendimento do espetáculo, solucionando esse problema.

Ao final do espetáculo o público se juntou em um dos quartos e os comentários sobre o espetáculo fluíram, sobre as temáticas abordadas uma das mais comentadas foi sobre a violência contra a mulher, uma pauta que atualmente é bem abordada e polêmica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que uma equipe bem organizada foi o real motivo de um trabalho bem elaborado e apresentado com sucesso. O texto “Além das Aparências” teve forte influência de questões externas dos integrantes, muitos colocaram na cena situações atuais da sociedade. A proposta de abordar temas como a violência contra a mulher, tornou a peça de caráter

reflexivo, pois a trama fazia com que o público vivenciasse de perto algo que não é explícito na sociedade, e que muitas vezes só ocorrem entre quatro paredes.

No âmbito teatral temos infinitas possibilidades de criação, atuação, percepção, quando utilizamos o processo colaborativo como um método de criação coletiva, entramos em um diferente conceito de experimentação teatral. Quando passamos por esse processo de apresentação, estudo, reflexão, improvisação, criação, produção e logo após a finalização desse trabalho, percebemos o método como um algo promissor, que pode ser aplicado em outros grupos e extrair como resultados espetáculos satisfatórios.

Ao finalizar esses meses de estudo explorando o processo colaborativo, é relevante afirmar que o objetivo principal de desenvolver um espetáculo teatral de forma que todos participassem expressivamente, foi alcançado. Pois desenvolvemos o nosso fazer teatral, ampliamos nossos conceitos de interesses pelo espaço, os figurinos, a dramaturgia, a interpretação, a cenografia, a figuração, a iluminação e a sonoplastia, tiveram aqui uma imersão total no universo teatral.

A criação colaborativa deu a oportunidade a todos do grupo de fazer, de aprender as possibilidades do teatro, de pensar o que pode ou não ser usado em prol da cena, e ainda, nos permite a desapegar de ideias, que inicialmente julgamos maravilhosas, mas que nem sempre se adéqua ao contexto necessário ao espetáculo que está sendo concebido em uma ampla visão de opiniões e escolhas múltiplas.

Entendo o grupo como protagonista desse processo colaborativo, percebe-se que ao finalizar essa etapa de trabalho da apresentação final, nota-se a dimensão que esse espetáculo nos proporcionou e a compreensão real do que havíamos criado, era o fruto de meses de trabalho, e que quando compartilhamos esse resultado com público e recebemos os aplausos e elogios, tivemos a sensação de prazer e dever cumprido.

O interessante foi ouvir dos colegas de trabalho, que nesse momento sentiam o início do espetáculo, agora era hora de dedicar e colocar em cena o aprendizado que a estreia nos proporcionou, pode-se afirmar que somente depois da estreia conseguimos perceber a real grandeza do trabalho que estava sendo executado.

Finalizo ressaltando que esse foi um trabalho gratificante, no qual tive a honra de desenvolver um espetáculo, a meu ver, grandioso e de tamanha importância para o grupo, pois acredito que nós artistas contemporâneos, sempre temos algo pra expressar, e este espetáculo foi o produto resultante de cinco meses de criação. Acredito que esse trabalho irá servir de

grande valia para a colaboração na criação teatral através das vivências descritas nesse trabalho.

6. REFÊRENCIAS

• LIVROS

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do teatro/ Margot Berthold**; [tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. São Paulo: Perspectiva, 2010

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo- SP: Cosac Naify 2013.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FÉRAL, Josette. **Teoría y Práctica: Más Allá de Las Fronteras**. Traducción de Armida María Códoba. 1ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2004.

FERNANDES, S. **Grupos teatrais- anos 70**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p 72.

FERNANDES, Silvia. **Grupos teatrais- anos 70**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

GROTOWSKI, Jerzy. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. Textos e materiais de Jerzy Grotowski e Ludwik Flaszen com um escrito de Eugenio Barba. Tradução para o português Berenice Raulino - São Paulo Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva 1990.

PATRICE, Pavis. **Dicionário de Teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEIXOTO, Fernando. **"Teatro de Grupo: significado e necessidade"**. Mascara Revista de Teatro, Ribeirão Preto, ano 1, n.l, p. 1, 1992.

PEIXOTO, Fernando. **Um teatro fora do eixo: Porto Alegre: 1953-1963**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor – 2ª ed**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **A construção da personagem**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

TELLES, Narciso & FLORENTINO, Adilson. **Cartografias do Ensino do Teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

- **ARTIGOS**

BARONE, Luciana. **PROCESSO COLABORATIVO: ORIGENS, PROCEDIMENTOS E CONFLUÊNCIAS INTERAMERICANAS**. Faculdade de Artes do Paraná: 2011.

CORREA, Jose Celso Martinez. "**Quem tem medo do realismo**". Vintém, n. 1, p.18-20, São Paulo: Hedra, 1998.

FREITAS, Eduardo L. V. de . **Luis Alberto de Abreu e o Processo Colaborativo**. Comunicação apresentada na XIIª Semana de Ciências Sociais da PUC-SP / 2004.

- **MONOGRAFIAS**

ARAÚJO, Antônio. **A gênese da Vertigem: o processo de criação de O Paraíso Perdido**. 2002. Dissertação – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90**. 2003. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

7. ANEXOS

Além das aparências

Personagens:

Maria Júlia

Eduardo

Leila

Collin

Priscila

Augusta

Gabriela

August

Cláudio

Prólogo*Personagens: Todos**(Os convidados chegam aos poucos no salão de festa Augusta entra passa pela a portaria e Gabriela é barrada porque o seu nome não esta na lista de convidados).***Gabriela:** - Como assim eu não estou na lista? Tem algo de errado eu sou a irmã de Maria Julia! *(indignada).**(Leila esta passando na hora quando Gabriela chama).***Gabriela:** - Leila, meu nome não está na lista, como assim? Você vai deixar a irmã de Maria Julia do Lado de fora?**Leila:** - Claro que não Gabriela... Podem deixar ela entrar pessoal não queremos um escândalo aqui né?.

Os convidados já estão todos no salão Augusta conversando com Claudio que está à espera de Maria Julia com um papel em mãos:

Augusta: - O que foi Claudio? Vai dá mais um golpe em alguém? *(Sarcástica)* Quem vai cair no seu golpe dessa vez?**Claudio:** - Claro que não Augusta, não é bom você ficar falando das minhas manobras em uma festa. É um contrato com a Maria Julia.. Eu quero sair hoje daqui rico, com um belo contrato assinado. *(Ele sai de perto de Augusta e enquanto isso Gabriela estava escutando a conversa dos dois)*

Leila passa por todo o salão cumprimentando os convidados e vai receber Maria Julia e Eduardo na recepção:

Leila: - Que bom que vocês vieram, agradeço pela a ilustre presença Maria Julia.**Maria Julia:** - Que nada amiga é uma honra pra mim está nessa festa tão bonita. *(olhando procurando alguém).***Leila:** - E o Eduardo? *(Cumprimentando)* Já tivemos o prazer de nos esbarrar por esses caminhos não veio hoje com você?**Maria Julia:** - Eu não o vejo há horas. *(com um sorriso sem graça)***Leila:** - Pessoal quero agradecer a todos pela presença de vocês, a nossa festa é para homenagear minha amiga, a mais nova capa de revista da New People e a nossa patrocinadoras da ONGs de crianças com necessidades especiais, pode subir aqui Maria Julia? Maria Julia e sobe ao palco

Maria Julia: - eu que agradeço Leila pela a festa, quero dedicar também ao meu marido e empresário Eduardo Couto que não está aqui nesse momento *(com um sorriso sem graça)* que se não fosse por ele, não estaria aonde cheguei... Sem ti meu amor nada disso seria realidade, eu te amo.

(Eduardo desce as escadas cantando para a Maria Julia, que fica surpresa com a homenagem, desce vai até Maria Julia pega em sua mão e canta olhando diretamente olhando nos olhos dela).

Todos aplaudem.

Eduardo: - *(Emocionado)* Que isso minha bela Maria, não seja tão modesta, eu não fiz nada, a sua beleza ganhará o mundo por si mesma. *(falando para todos)* Todos aqui ão de convir comigo que você tem talento que sobra.

Todos aplaudem.

(Maria Julia desce e vai cumprimentas os convidados e Cláudio se aproxima).

Cláudio: - Maria Julia? Você está simplesmente linda como sempre.

Maria Júlia: - Obrigada!! Você é...? *(antes que termine a pergunta Cláudio responde).*

Cláudio: - Desculpe-me, sou Cláudio representante da LEG'S SHIRT, vim aqui prestigiar a sua festa e também falar sobre a assinatura daquele nosso grandioso contrato, que já havíamos falado por telefone lembra? Aliás, já estou com ele aqui quando se sentir a vontade pode assinar!!!

Maria Júlia: - *(sorrindo para os fotógrafos fala disfarçadamente)* Daqui a pouco falaremos sobre isso.... *(sai para cumprimentar os convidados).*

Cláudio: - Tudo bem! Tudo bem. *(se dirige ao Eduardo).*

Eduardo: - Meu grande amigo Cláudio.... E aí quais são as novidades?

Cláudio: - Fala meu brother!! Olha, estou aqui com um contrato e vou precisar da sua ajuda pra convencer a Maria Julia... Ela está um pouquinho desconfiada... Mas você como sempre com esse seu jeito persuasivo consegue tudo é ou não é? *(os dois sorrindo).*

Eduardo: - O contrato é bom mesmo? Deixa eu vê os valores!! *(pega o papel admirado)* Muito bom! Muito bom... E o que eu ganho com ela assinando o contrato?

Cláudio: - Uma boa porcentagem em cima desse contrato Eduardo.... Você sabe?

Eduardo: - E o que estamos esperando? Querida? Maria Julia? Assine logo esse contrato.

Maria Julia: - Mais eu nem li ainda e você já quer que eu assine?

Eduardo: - Pode assinar confie em mim, aliás, é a única data que você tem livre na agenda já verifiquei! Vamos assina logo isso e vamos curtir a festa.

(Maria Julia meio sem querer pega o contrato e assina, logo sai para perto da Leila).

Cláudio: - Pronto? Assinou? Há. Há.. Eu sabia Eduardo você é o cara!

Eduardo: - É, mas você está lembrado do que combinamos NE? Amanhã a minha porcentagem já tem que está na conta se não.. *(Cláudio interrompe)*

Cláudio: - Eu sei, eu sei... Pode deixar vou fazer a transferência on line hoje mesmo no quarto do hotel! *(Se despede apertando a mão, nesse momento Cláudio vai para o bar brindar com a Augusta e deixa o papel em cima do balcão, Gabriela percebe e rouba-o).*

Gabriela: - Nossa maninha desculpa, não foi porque eu quis, juro... Desculpa-me.

Maria Julia: - Tudo bem Gabriela já estava na hora de subir para o meu quarto mesmo. *(sai)*
(Augusta se aproxima de Eduardo)

Augusta: Tudo bem Eduardo? Vou ser direta... O que está acontecendo com a minha filha Priscila? Ela anda tão triste ultimamente.

Eduardo: - Eu não sei Augusta, pois o meu relacionamento com ela é somente profissional, não tenho interesse em saber da sua vida íntima. *(Eduardo sai e vai conversar com Gabriela)*

Eduardo: - Você como sempre né Gabriela? Sempre querendo aparecer... Sempre aprontando, por isso que você nunca chegará a lugar nenhum.

(Gabriela sai da festa também)

(Eduardo vai em direção de Priscila)

Eduardo: - Olá Priscila boa noite? Sua mãe veio perguntar pra mim porque anda triste ultimamente. Acho melhor você conversar com ela.

Priscila: - Sim, sim Eduardo pode deixa que eu conversar com minha mãe. (sai para encontrar com Augusta).

Leila se aproxima de Eduardo para conversar.

Leila: - E ai Eduardo, você não se cansa de fingir? Eu sei o que você faz, que todas as mulheres caem aos seus pés, e mesmo assim engana Maria Julia.

Eduardo: - Eu não sei do que está falando Leila.

Leila: - Sabe sim Eduardo, ou você acha que não sei que sai todas as noites com a Priscila?

Eduardo: - Não se intrometa na minha vida Leila ou se arrependerá.

Eduardo vai para o quarto.

Leila encerra a festa.

Leila: - Bom, agradeço a todos por ter vindo, mais infelizmente a festa chegou ao fim, qualquer coisa estaremos à disposição.

Leila sobe para seu quarto e todos vão saindo para seus aposentos.

Cena 1

Personagens: Eduardo e Maria Julia.

Eduardo: - Maria Julia, mais uma vez sua irmã aprontando na nossa festa, sinceramente a Gabriela não tem bom senso e se mostra a cada dia uma mulherzinha fraca e desesperada pra ter fama novamente. Olha só o resultado da semana passada (*pega uma revista e mostra as fotos*) tá vendo aqui, essa foto é da semana passada ela aprontando mais um barraco e isso é péssimo para os nossos produtores.

Maria Júlia: - Eduardo depois que nossos pais morreram Gabriela ficou muito vulnerável e a única família que ela tem sou eu, releve eu vou dar um jeito de conversar com ela e ver o que está acontecendo.

Eduardo: - Acho bom mesmo, eu já não tenho paciência mais, pois cada dia tem uma palhaçada. E ultimamente você tem deixado transparecer pra mídia essa sua cara de desgosto Maria Julia, e pra variar fui cumprimentar a Collin e você deu aquele seu ataque bobo de ciúmes desnecessário. Creio que você se esqueceu que aonde vamos está sempre cheio de câmeras, e acho melhor você se controlar, pois não vou deixar você botar tudo a perder depois de tanta coisa que fiz por você, afinal se você hoje faz sucesso é por minha causa.

Maria Júlia: - Eduardo como você pode falar assim?! Você fala como se eu não tivesse potencial e eu sei que tenho.

Eduardo: - Tem Maria Julia?!?! Onde?! Acorda Maria Julia, sem mim você seria aquela mesma mulherzinha pobre e fracassada que encontrei pela primeira vez e parece que mesmo com todo o sucesso você continua transparecendo a mesma fraqueza... Sinceramente você ainda quer que eu traga nosso filho pra cá?!Humpf!

Maria Júlia: - Eduardo eu fico me perguntando como um dia eu pude tê-lo amado tanto, e você fazer isso tudo comigo, mas não importa Eduardo a única coisa que eu quero é apenas ver meu filho novamente. Eduardo, por favor, deixe-me ver nosso filho mais uma vez...

Eduardo: - Olha o lixo que você se tornou... Até parece que eu iria deixar meu filho ver uma cena dessas... Qualquer vagabunda seria mais firme do que você Maria Júlia.

Maria Júlia: - Eduardo, por favor, deixe-me ver meu filho...

Eduardo: - (raiva) Chega Maria Julia, eu estou cansado disso e quer saber, vendo você desse jeito não sinto vontade nenhuma de estar do seu lado, vou dar uma volta por aí.

Maria Júlia: - (grita) Vai lá então, vá vadiar!

Eduardo: Como é que é Maria Julia? Repete... Repete o que você acabou de falar... Quer saber Maria Julia vou ver se eu encontro alguém pra me dar o que você não pode oferecer, ainda mais nesse estado vergonhoso de uma mulherzinha qualquer...

Maria Júlia: - *(Bate em Eduardo e grita)* Desgraçado!

Eduardo: - *(dá safanões em Maria Júlia)* Bate de novo sua desgraçada, você perdeu a cabeça né?! Acho que você se esqueceu do que eu posso fazer com você e cala a boca, cala essa maldita boca, não faça nenhum escândalo fique quietinha... Porque se alguém ouvir ou ao menos sonhar Maria Julia que ouviu você chorando, eu sou capaz de nunca mais trazer o nosso filho... Espero que tenha compreendido, estou saindo meu amor!

Eduardo sai

Cena 2

Personagens: Eduardo e Collin

Eduardo caminha para o bar quando Collin o avista

Collin: - Eduardo?! Boa noite

Eduardo vira-se e vai à direção de Collin

Eduardo: - Boa noite Collin, Fazendo o que por aqui a esta hora da noite?

Collin: - Bem Eduardo, estou apenas descendo ao bar para tomar alguma bebida, pra ver se o sono vem.

Eduardo: - Você está tão elegante e tão... Bonita (aproxima-se por trás de Collin) Sempre tão sedutora.

Collin: - Obrigada! Mas Eduardo não brinque com fogo.

Eduardo: - Aonde você for, eu poderia acompanhá-la?

Collin: - Assim... Eu posso até voltar para o quarto, talvez eu tenha esquecido algo por lá! (sorri de leve)

Eduardo: - Tenho certeza de que estará em uma ótima companhia.

(Eduardo beija Collin e seguem em direção ao quarto de Collin, e ambos começam a se pegar pelo corredor)

Collin: - Eduardo, Eduardo, alguém pode ver a gente

Eduardo: - Independentemente de alguém nos ver por aqui, creio que o que vou fazer com você está próximo de se realizar. E logo logo, poderei ficar perto de ti pra realizar todos os teus desejos...

Collin: - Eduardo só você sabe como me deixar assim... Louca!

Eduardo: - É!?

Collin: - Você me faz perder a cabeça.

Eduardo: - As pessoas que te vêem assim essa mulher tão poderosa, estão longe de saber o fogo que você tem. E é sempre bom estar do teu lado.

Collin: - Eduardo sabe que eu também gosto muito de estar do seu lado!

Eduardo e Collin entram no quarto.

Collin: - Eduardo cuidado ao brincar com fogo, você pode se queimar!

Eduardo: - O fogo é um dos meus elementos prediletos, e o mais intenso e ele me deixa louco de prazer.

No quarto Eduardo beija Collin e a joga na mesa, beija seu pescoço

Eduardo: - Mas agora Collin, você sabe que depois de todo meu desejo por você, eu confesso que ultimamente eu tenho pensado tanto... Tanto naquele nosso processo. Sei que talvez agora não seja o momento adequado mas, você poderia dizer a quantas andam as nossas ações, Collin.

Collin: - Eduardo, Eduardo, trabalho é trabalho, diversão é diversão.

Eduardo: - Mas você há de convir meu amor, que eu preciso da sua assinatura o mais rápido possível, o prazo pra esse dinheiro cair na minha conta vence amanhã. (sussurra no ouvido de Collin) Eu preciso da sua autorização, meu amor.

Collin: - Eduardo não se preocupe o seu processo está aqui ó! (Collin mostra o processo de Eduardo em cima da mesa)

Eduardo: - Pois é, mas Collin veja só meu amor, só assinar!

Collin: - Não Eduardo, não é só assinar,

Eduardo: - Ah! Collin você sempre bota dificuldades...

Collin: - (Afasta-se de Eduardo) Dificuldades Eduardo?! Você vêm, me seduz, me excita e vem me falar de processo, de dinheiro...

Eduardo: - Mas Collin meu amor, o prazo judicial vence amanhã! Se caso eu não tiver esta assinatura, você colocará tudo a perder!

Collin: - Eduardo eu tenho que estudar o processo para depois assinar. Como que eu vou autorizar um processo sem estudá-lo

Eduardo: - (aproxima-se de Collin novamente) Mas meu amor confie em mim é só assinar... Confesso que esta ação trará benefícios tanto pra você quanto pra mim.

Collin: - (se altera afasta de Eduardo e eleva a voz) Eduardo, o que eu quero é prazer, é me divertir, olha quantas horas são, acha mesmo que vou ficar estudando o processo. E outra se você não pode me dar o que eu quero, procurarei em outro lugar...

Collin sai do quarto

Eduardo: - Merda, espera Collin... Maldição! Agora terei que esperar até amanhã!

Cena 3

Personagens: Eduardo e Leila.

Eduardo saiu do quarto da Collin quando no corredor Leila o encontra:

Eduardo: - Boa noite Leila? O que você está fazendo a essa hora no corredor a noite é meio perigosa não?

Leila: - Boa noite Eduardo, Não eu não tenho medo de ficar sozinha, na verdade eu estava esperando por você.. Bom acabei de receber esses documentos aqui, que por acaso ainda não vi, mas que também é do seu interesse, você poderia entrar para dá uma olhadinha? Tenho certeza que você vai adorar.

Eduardo: - Posso sim Leila. Quero saber o que está planejando dessa vez!

Leila: - Imagina... Eu? Nunca. (Eduardo entra no quarto de Leila, ela abre o envelope e retira as fotos de dentro) Acabei de receber essas fotos e eu estava prestando a atenção, você já viu essas marcas em Maria Julia?

Eduardo: - Sim Leila! Essas marcas foram quando ela caiu da escada semana passada numa viagem que fizemos.

Leila: - Se você não prestou a atenção o vestido que ela está usando é o da festa de ontem. E você pode me dizer o que está acontecendo com Maria Julia?

Eduardo: - Onde você está querendo chegar Leila?

Leila: - Você não me engana Eduardo, você está batendo nela que eu sei... Porque você sabe que agressão a mulher é crime e dá processo né Eduardo? *(Alterando a voz)* Há muito tempo eu já sei o que a Maria Julia vem passando em suas mãos, e essas fotos são provas que eu precisava para te incriminar.

Eduardo: - Leila se você está pensando que essa simples foto pode me incriminar é pouco pra fazer alguma coisa contra mim, só são algumas marcas na Maria Julia não mostram quem fez, simplesmente mostra que está machucada.

Leila: - Então espere aí, vamos passar para a segunda foto, você esta vendo essa que você esta pegando fortemente no braço dela? Só um tolo como você para achar que não sei de nada, há muito tempo eu tenho juntado provas contra você, quer ver mais Eduardo? Passa para frente aí tem mais fotos.

Eduardo: - O que está planejando Leila?

Leila: - Eu farei de tudo para tirar Maria Julia das tuas garras...

Eduardo: - Você não sabe com quem está se metendo!

Leila: - Você não sabe? Suas ameaças não valem nada para mim.

Eduardo: - Ah... Pois a parti de agora vai valer sim.

Leila: - Veremos... Agora saia do meu quarto.

(Eduardo se levanta)

Eduardo: - Cuidado essas provas podem desaparecer Leila, porque você sabe que tudo que eu quero eu consigo e tudo que eu não quero eu faço sumir.

Leila rasga as fotos.

Leila: - Você está vendo, eu mesmo faço sumir e de onde veio essas tem mais, e não adianta fazer nada comigo Eduardo porque se acontecer algo o suspeito será você.

Eduardo: - Saia do meu caminho porque se não vou acabar com você.

Leila: - Eu vou ficar aguardando.

(Na porta do quarto)

Eduardo: - Mais uma vez cuidado Leila.

Cena 4

Personagens: Maria Julia, Gabriela e August.

(Risos no quarto, Gabriela embriagada dando crises de risos e debochando de sua irmã).

Gabriela: *(senta no criado e começa tira sua sandália)* Maria Julia tem inveja de mim, eu sei!

August: - Calma meu amor, você sempre acha que sua irmã tem inveja de você, deixa ela para você e muito mais glamorosa do que ela. *(deita na cama)*

Gabriela: - Eu sei que ela tem inveja de mim, da minha pele, da minha elegância *(gargalhando)* eu sou muito melhor que ela.

August: - Para com isso amor, com certeza você é muito melhor que ela, mais hoje mesmo sendo a festa dela vai esquecê-la e vamos pensar em nos.

Gabriela: - Como assim, não estou te entendendo até você! Todos babam atrás dela como ela fosse eu, ela vai ter o que merece.

(Dando gargalhadas anda em direção ao espelho, e retira o contrato que pego).

Gabriela: - *(gargalhando)* vou destruir o sonho dela e tira uma grande oportunidade da vida dela.

August: - Não é possível, não acredito você roubou o contrato de sua própria irmã, quais benefícios você terá com isso, você não devia te feito isso.

(Gabriela começa a rasgar o contrato e logo após Maria Julia entra e vê o contrato sendo rasgada, Maria Julia sem palavra).

M^a Júlia: - Gabriela você teve coragem de fazer isso comigo?

Gabriela: - Claro, você sempre roubando tudo que é meu por direito, sua bastada, eu te odeioooooooooo, tudo que tem poderia ser meu tinha que ser meu, viagem, dinheiro e fama... *(antes que Gabriela termine de fala M^a Julia sai correndo para seu quarto chorando).*

Maria Julia: - Você estragou tudo por tão pouca coisa Gabriela, eu não me importava com esse contrato, eu nem queria assinar, mas infelizmente agora sei quem é realmente você.

Cena 5

Personagens: Augusta e Claudio

Cláudio: - Augusta você viu o contrato que eu deixei em cima da mesa, naquela hora que eu te chamei para conversar?

Augusta: - Contrato? Que contrato? Eu não vi nenhum contrato!!

Cláudio: - Ah deixa pra lá!! Você como sempre desatenciosa hein? Não sei nem como te agüentei por 20 anos! Ainda bem que agora eu estou livre de você.

Augusta: - livre? Você que pensa! Rsr's Vai me passando a grana que você me prometeu, antes que eu conte tudo para o Eduardo e a Maria Júlia sobre o valor real desse contrato.

Cláudio: - O que é isso? Vai me subornar agora é? Eu não tenho grana nenhuma aqui!! (*olha nos bolsos*) Além do mais o valor que você pediu é muito alto pra te passar em espécie.

Augusta: - Se vira Cláudio dá o seu jeito... Você sempre dá um jeitinho!

Cláudio: - (*Nervoso*) Ta bom, vou transferir hoje esse dinheiro para a sua conta. Mas oh... Bico calado! Depois vai lá no meu quarto que eu tenho uma conversa séria contigo sua safada!! (*sussurro cênico e sai rapidamente procurando o contrato e Augusta entra para o quarto*)

Cena 6

Personagens: Priscila e Augusta.

Priscila: - Mãe a senhora tem que para de intrometer na minha vida, já sou maior de idade, sei muito bem cuidar de mim, sem precisar de você.

Augusta: - Porque você está falando essas coisas comigo Priscila? Não fiz nada de errado.

Priscila: - A senhora foi perguntar para o Eduardo, se ele sabia o motivo, da minha tristeza na festa.

Augusta: - Fui mesmo! Fico preocupada com você envolvida com esse cafajeste, ele não vale nada.

(Priscila levanta da poltrona e senta-se à mesa)

Priscila: - Ele vale e muito mamãe, tivemos uma noite maravilhosa, Ele tem uma pegada gostosa, me falou tantas coisas bonitas, estou apaixonada por ele, é o homem da minha vida.

Augusta: - Pode para com essa pouca vergonha ai! Você sabe muito bem, que nunca ele vai lagar a Maria Julia para fica com você, que não passa de uma assessora a onde ele tira vantagem para conseguiu seus objetivos, só está te iludindo minha filha como dói o meu coração.

(Priscila levanta da mesa e fica em pé do lado da sua mãe).

Priscila: - A senhora não sabe de nada mesmo! Ele não é feliz do lado daquela insuportável, sou muito mais bonita do que ela, olha minha pele, meu corpo e meu cabelo e tudo natural, já ela é tudo artificial.

(Priscila volta e senta na sua poltrona, Augusta levanta e vai até Priscila, segura no rosto dela com raiva).

Augusta: - Olha pra mim, bem dentro dos meus olhos você tem que esquecer o Eduardo nem que pra isso eu tenho quer matar esse cafajeste. Por você minha filha, eu sou capaz até de mandar o Eduardo para o quintos dos infernos, a escolha é sua entendeu Priscila.

Priscila: - (*Chorando*) Você acha que é tão fácil assim, arrancar um amor de dentro do coração, ele me possui. Passo noite e noite em claro só pensando nele, como ele é tão lindo e carinhoso.

(Augusta abraça Priscila).

Augusta: - Eu sei que não é nada fácil, mas nós duas juntas vamos conseguir meu amor.

Cena 7

Personagens: Eduardo e Maria Julia.

Eduardo: - Você tá sabendo Maria Júlia? Você ficou sabendo da boa Maria Júlia? A Leila conseguiu fotos nossas. Eu falei pra você esconder essas porcarias desses hematomas. A gora todo mundo ficará sabendo, ela tem uma prova contra mim.

(Eduardo pega Maria Júlia a força e começa a dar safanões.)

Eduardo (grita): - Eu falei pra você esconder esses hematomas. Eu já falei!

(Eduardo joga Maria Júlia no chão. Maria Júlia começa a chorar.)

Eduardo: - Agora olha pra essa situação! Olha o que aconteceu! Ela tem fotos que comprovam que fui que fiz isso, ela tem provas. Por causa da sua irresponsabilidade, você deixou essas marcas neste seu braço.

(Eduardo pega o braço de Maria Júlia forte. Eduardo respira fortemente e ofegante. Volta segura Maria Júlia pelos braços e bate nela.)

Eduardo: - Eu não dou conta! Desculpe-me meu amor, mas isso irá doer mais em mim do que em você.

(Eduardo espanca Maria Júlia ao som de Marcelo Jeneci, logo após ele se senta na poltrona toma seu whisky e observa Maria Júlia que se arrasta para o canto da sala. Após a música acabar Eduardo se levanta vai até a porta e liga para August.)

Eduardo: - Alô, August? Preciso falar urgente com você, tem como você me encontrar na sacada do hotel?

August: - Tem, tem sim... Estou indo pra lá então!

Eduardo: - Ok! Te aguardo lá

Cena 8

Personagens: Eduardo e August

Eduardo caminha em direção à sacada e espera August que vem depois

Eduardo: - August, te chamei aqui meu amigo, porque está acontecendo uma coisa muito complicada.

August: - O que está acontecendo?

Eduardo: - Você nem imagina, você acredita que a Leila conseguiu fotos que provam que eu estava agredindo a Maria Júlia. E de certa forma nós temos que dar um jeito de acabar com a Leila principalmente precisamos sumir com estas fotos. E você sabe que a única pessoa que posso contar nessas horas é você.

August: - Mas como ela conseguiu estas fotos? Isso é muito prejudicial a você

Eduardo: - Sim eu não sei como ela conseguiu. Só sei que ela já está com as fotos no celular dela e tenho certeza que além do celular ela tem em outro lugar. A gente além de ter que arrancar dela onde estão todas as outras fotos, temos que dar um jeito de acabar com ela.

August: - Acho que posso resolver isso pra você, ou melhor eu vou resolver isso pra você.

Eduardo: - Eu sabia que poderia contar com você meu amigo. Pois sempre nos momentos difíceis você sempre está do meu lado, eu espero que agora você também esteja.

August: - Eu estarei

Eduardo: - Você sabe que isso é muito importante pra mim! E você como meu amigo será beneficiado nessa parte.

August: - Eu vou fazer isso por você.

Eduardo: - E o que poderíamos elaborar para dar um fim na Leila. Porque eu estive pensando, ela sempre costuma sair e tomar um champanhe no bar.

August: - E aí poderia acontecer um acidente assim por acaso!

Eduardo: - Sim. Coloque algo na bebida dela e ela se apaga e depois damos um jeito de levá-la para algum lugar...

August: - Não, não, não... Pode deixar que eu cuido de tudo, não quero que suje suas mãos.

Eduardo abraça August

Eduardo: - Ótimo, August muito obrigado meu amigo!
Os dois saem

Cena 9

Personagens: Leila, Eduardo e Maria Julia.

(Leila bate na porta)

Leila: - Maria Júlia? Maria Júlia? Maria Júlia eu sei que você está aí... (Abre a porta e encontra Maria Júlia jogada no chão) Maria Júlia o que aconteceu? (Vai para ajudá-la a levantar).

Maria Júlia: - Nada... O que está fazendo aqui Leila?

Leila: - Não importa o que eu vim fazer aqui, o que importa é que eu sei o que está passando.

Maria Julia: - Mais eu não estou passando nada, eu tropecei e caí e me machuquei.

Leila: - Mentira Maria Júlia, eu sei há muito tempo que é o Eduardo que faz isso com você.

Maria Júlia: - Eu só caí e me machuquei Leila, não foi o Eduardo que fez isso comigo.

Leila: - Basta Maria Júlia, chega de mentiras, para de tentar se enganar e me enganar. (Maria Julia começa a chorar).

Maria Julia: - *(Chorando)* Por favor, não se mete nisso! O Eduardo é um homem perigoso, ele pode fazer algum mal para meu filho... *(Interrompe a fala)*.

Leila: - Para quem Maria Júlia? Me fala, quem mais está sofrendo? Vamos eu te ajudo!

Maria Julia: - Você não entenderia Leila, até mesmo você está correndo perigo.

(Leila pega nos braços de Maria Julia olhando nos olhos e sacode)

Leila: - Maria Julia, acorda para a realidade, eu não tenho medo do Eduardo, e você vai me falar agora o que está acontecendo com você e que é essa pessoa.

Maria Júlia: - Você promete que me ajuda? *(quase se ajoelhando)* promete que não vai me abandonar meu filho?

Leila: - Filho? Você tem um filho? (surpresa)

Maria Julia: - Sim! *(Chorando)* mais o Eduardo o tirou de mim quando ele nasceu. Uma babá muito carinhosa cuida dele.

Leila: - Mais onde ele está Maria Julia? Com quem está?

Maria Julia: - eu não sei. *(Chorando desesperada)* O Eduardo já me deixou falar algumas vezes com a babá que cuida dele, mas não faço ideia de onde esteja.

(Leila levanta Maria Julia)

Leila: - Você confia em mim?

Maria Julia: - Sim!

Leila: - Então vamos arrancar a verdade do Eduardo hoje, liga para ele e pede para trazer alguma coisa.

Maria Julia pega o telefone e liga para o Eduardo.

Maria Julia: - Oi? Eduardo? Eu estou precisando de remédios para os ferimentos, tem como você trazer para mim? (pausa) tá ok, vou esperar. (desliga o telefone e se vira para Leila) O que você vai fazer Leila?

Leila: - Calma Maria Julia, espera! *(Leila pega um jarro de flores que está em cima do criado mudo e espera atrás da porta e Eduardo entra)*.

Eduardo: - Está aqui Maria Julia e vê se passa esses remédios direito... *(Leila quebra o vaso na cabeça de Eduardo que cai desmaiado)*.

Maria Julia: - Óh meu Deus!

Leila: - Rápido Maria Júlia, me ajude a colocá-lo em cima da poltrona. *(Maria Julia ajuda, Leila pega um lençol e amarra Eduardo na cadeira, Leila olha para todos os lados procurando alguma coisa)* Maria Julia tem alguma coisa afiada? Tesoura? Faca ? Sei lá alguma coisa!

Maria Julia: - (trêmula e chorando) não sei Leila, mas acho que.... (Corre para a cômoda, abre a gaveta e tira um canivete) Aqui teme se canivete!

Leila: - Ótimo... Me dá aqui! (Leila vai furiosa em direção ao Eduardo bate no rosto de Eduardo para acordá-lo e acorda um pouco zozzo).

Eduardo: - o que é isso? Você Leila?

Leila: - Olá Eduardo (sarcástica) Então, agora você vai dizer onde está o filho de Maria Julia ou você prefere dá adeus a sua linda gargantinha? (encosta a o canivete no pescoço do Eduardo).

Eduardo: - Você acha mesmo que vai me intimidar com esse canivete e com essas palavras de filmes de ação barata?

Leila: - Vamos parar com as piadinhas? (*Leila encosta o canivete no peito do Eduardo do lado do coração*) Acho que deu para entender que não estou de brincadeira.

Maria Julia: - Por favor Eduardo fala logo! Diz onde está o meu filho....

Eduardo: - Então você esta ai também Maria Julia? Eu vou acabar com vocês duas... Quer saber onde está o seu filho? Eu vou falar... Vou fazer você sofrer... (*Posiciona o rosto em direção de Maria Julia*) Ele está morto Maria Julia, Morto.... Eu o matei assim que nasceu, eu precisava de um trunfo para poder te prender em mim, essa foi a oportunidade... (*expressão de ódio*).

Maria Julia: - Não... Não... (*Chorando*)

Eduardo: - Eu o matei... Eu o matei. (*sorrindo*)

(*Maria Julia pega o canivete e vai para acertar em Eduardo*)

Leila: - Não vale a pena Maria Julia. (*Tentando segurar ela*).

Maria Julia: - Desgraçado, eu te odeio (*Quando chega perto do Eduardo a Luz se apaga, Maria Julia e Leila gritam a porta abre e fecha e as duas saem de cena, as luzes acendem e Eduardo se encontra morto*).